

PATTI SMITH

só garotos

Tradução:
Alexandre Barbosa de Souza



Copyright © 2010 by Patti Smith

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Just kids

Capa

Fabio Uehara

Foto de capa

Patti Smith e Robert Mapplethorpe na orla de Coney Island,
1º de setembro de 1969. Cortesia de Patti Smith

Preparação

Maria Fernanda Alvares

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen S. da Costa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Smith, Patti

Só garotos / Patti Smith ; tradução Alexandre Barbosa de
Souza. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : Just kids

ISBN 978-85-359-1776-5

1. Artistas - New York (N.Y.) - New York - Biografia 2. Chelsea
Hotel - Biografia 3. Fotógrafos - Estados Unidos - Biografia 4.
Mapplethorpe, Robert 5. Mulheres, músicos de rock - Estados
Unidos - Biografia 6. Mulheres poetisas - Século 20 - Biografia
7. Músicos - New York (N.Y.) - Biografia 8. Poetas americanos -
Século 20 - Biografia 9. Smith, Patti, 1946 - 1 Título.

10-11456

CDD-920.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Mulheres : Biografia 920.72

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prefácio, 9

Filhos da segunda-feira, 11

Só garotos, 39

Hotel Chelsea, 89

Juntos em caminhos separados, 195

De mãos dadas com Deus, 239

Agradecimentos, 259

Fotografias e ilustrações, 261

Índice onomástico, 265

Muito já se falou sobre Robert, e outras coisas ainda serão ditas. Os rapazes imitarão seu jeito de andar. As garotas usarão vestidos brancos e chorarão por seus cabelos cacheados. Ele será condenado e adorado. Seus excessos serão malditos e romanceados. Por fim, descobrirão a verdade em seu trabalho, o corpo físico do artista. Isso não se afastará. Os homens não podem julgá-lo. Pois é a Deus que a arte canta, e afinal pertence a ele.

FILHOS DA SEGUNDA-FEIRA

Quando eu era bem nova, minha mãe me levava para passear no Humboldt Park, pela margem do rio Prairie. Tenho vagas lembranças, como impressões em vidro, de um velho ancoradouro, uma concha acústica circular, uma ponte arqueada de pedra. O trecho estreito do rio terminava em uma grande lagoa e vi sobre a superfície um milagre singular. Um longo pescoço curvo ergueu-se de um vestido de plumas brancas.

“Cisne”, minha mãe disse, sentindo minha excitação. Ele tamborilou na água brilhante, batendo suas asas grandiosas, e alçou voo no céu.

A palavra por si mal dava conta de sua magnificência, nem continha a emoção que ele produzia. Sua visão gerou uma necessidade para a qual eu não tinha palavras, um desejo de falar do cisne, de dizer algo sobre sua brancura, a natureza explosiva de seu movimento e o lento bater de suas asas.

O cisne mesclou-se ao céu. Fiz força para encontrar palavras que descrevessem minha própria ideia sobre ele. “Cisne”, repeti, não totalmente satisfeita, e senti uma pontada, uma saudade curiosa, imperceptível aos passantes, à minha mãe, às árvores ou às nuvens.

Nasci em uma segunda-feira, na zona norte de Chicago, durante a grande nevasca de 1946. Cheguei um dia antes do previsto, e, como todo bebê nascido na véspera do ano-novo, saí do hospital com uma geladeira nova de presente. Apesar dos esforços da minha mãe para me segurar dentro de si, ela começou um difícil trabalho de parto quando o táxi se arrastava ao longo do lago Michigan, através de um turbilhão de neve e ventania. Segundo meu pai, eu era uma coisinha magricela e comprida com broncopneumonia, e ele me manteve viva segurando-me sobre uma tina fumegante de lavar roupa.

Minha irmã Linda veio durante outra nevasca, em 1948. Por necessidade, fui obrigada a crescer e aparecer depressa. Minha mãe passava roupa, enquanto eu ficava sentada no alto da escada da casa onde alugávamos nossos cômodos esperando o entregador de gelo e a última das carroças puxadas por cavalo. Ele me dava lascas de gelo embrulhadas em papel pardo. Eu guardava uma no bolso para dar a minha irmãzinha, mas, quando procurava depois, descobria que havia sumido.

Quando minha mãe ficou grávida do meu irmão, Todd, saímos daqueles cômodos abarrotados em Logan Square e migramos para Germantown, Pennsylvania. Nos anos seguintes moramos em um alojamento temporário feito para funcionários públicos e suas famílias — barracões caiados que davam para um terreno abandonado cheio de flores silvestres. Chamávamos esse terreno de O Canteiro, e no verão os adultos ficavam ali sentados, conversando, fumando cigarros e bebendo licor de dente-de-leão, enquanto nós, crianças, brincávamos. Minha mãe nos ensinou as brincadeiras de sua infância: estátua, pega-pega e seu mestre mandou. Fazíamos colares de margaridas para enfeitar o pescoço e guirlandas para coroar a cabeça. À noitinha, colecionávamos vaga-lumes em vidros de conserva, tirávamos as luzes e fazíamos anéis para os dedos.

Minha mãe me ensinou a rezar; ensinou-me a oração que a mãe dela havia lhe ensinado. “Agora que vou dormir, peço ao Senhor que cuide da minha alma.” À noite, eu me ajoelhava diante de minha caminha enquanto ela ficava de pé, com seu eterno cigarro, ouvindo-me repetir depois dela. Eu só queria fazer minha oração, mas aquelas palavras me perturbavam, e eu a enchia de perguntas. O que é a alma? De que cor ela é? Eu desconfiava de que minha alma, travessa, podia fugir enquanto eu sonhava e não conseguir mais voltar. Fazia de tudo para não pegar no sono, para manter a alma dentro de mim, onde era seu lugar.

Talvez para satisfazer minha curiosidade, minha mãe me matriculou na escola dominical. Aprendíamos a decorar versículos da Bíblia e palavras de Jesus. Depois, ficávamos em fila e recebíamos como recompensa uma colherada de mel. Havia uma única colher no vidro para servir a todas as crianças que estavam com tosse. Instintivamente esquivei-me da colher, mas rapidamente aceitei a ideia de Deus. Agradava-me imaginar uma presença acima de nós, em perpétuo movimento, como estrelas líquidas.

Não satisfeita com minha oração infantil, logo pedi a minha mãe que me deixasse fazer minha própria reza. Fiquei aliviada quando não precisei mais repetir as palavras “E, se eu morrer antes de acordar, rezo ao Senhor para minha alma levar”, e pude dizer em vez disso o que estava dentro do meu coração. Assim liberada, eu me deitava na cama junto ao fogão de carvão recitando vigorosamente longas cartas para Deus. Eu não era de dormir muito e devo tê-lo importunado com minhas juras, visões e esquemas intermináveis. Mas, conforme o tempo passou, vim a experimentar um tipo diferente de oração, uma oração silenciosa, que exigia mais escuta do que fala.

Minha pequena torrente de palavras dissipou-se em uma elaborada ideia de expansão e refluxo. Foi minha entrada na radiância da imaginação. Esse processo aumentava especialmente nas febres de gripe, sarampo, catapora e caxumba. Tive todas elas, e em cada uma adquiri o privilégio de um novo nível de consciência. Bem no fundo de mim mesma, com a simetria de um floco de neve girando acima de mim, intensificando-se através das minhas pálpebras, capturei o mais valioso souvenir, um caco do caleidoscópio do céu.

Meu amor pelas orações foi aos poucos se equiparando ao meu amor pelos livros. Eu me sentava aos pés da minha mãe, vendo-a beber seu café e fumar seu cigarro, com um livro no colo. Ela ficava tão absorta que aquilo me intrigava. Ainda antes do jardim de infância, eu gostava de olhar os livros dela, sentir o papel e erguer a folha que cobria as estampas dos frontispícios. Eu queria saber o que havia ali, o que capturava sua atenção tão profundamente. Quando minha mãe descobriu que eu havia escondido seu exemplar carmesim do *Livro dos mártires*, de Foxe, embaixo do travesseiro, na esperança de absorver seu significado, ela me fez sentar e começou o trabalhoso processo de me ensinar a ler. Com grande esforço fomos juntas da *Mamãe Ganso* até o *Doutor Seuss*. Quando avancei e não precisava mais de instruções, permitiram que eu

me juntasse a ela em nosso sofá ultraestofado, ela lendo *As sandálias do pescador* e eu *Os sapatos vermelhos*.

Eu era absolutamente fascinada pelos livros. Queria ler todos, e as coisas sobre as quais eu lia criavam novos anseios. Talvez fosse à África oferecer meus serviços a Albert Schweitzer ou, com meu chapéu de guaxinim e chifre de pólvora, defender as pessoas, como Davy Crockett. Eu poderia escalar os Himalaias e viver em uma caverna girando uma roda de preces, mantendo a Terra girando. Mas a necessidade de me expressar era meu desejo mais intenso, e meus irmãos foram os primeiros cúmplices conspiradores nas lavras da minha imaginação. Eles ouviam atentamente as minhas histórias, participavam de bom grado das minhas peças e combatiam bravamente em minhas guerras. Com eles do meu lado, qualquer coisa parecia possível.

Nos meses de primavera, eu estava quase sempre doente e assim condenada a ficar de cama, obrigada a ouvir meus camaradas brincando pela janela aberta. Nos meses de verão, os pequenos relatavam à minha cabeceira o quanto de nosso terreno silvestre estava seguro diante do inimigo. Perdemos várias batalhas na minha ausência, e meus soldados exaustos se reuniam ao redor da minha cama e eu lhes dava uma bênção tirada da bíblia de toda criança-soldado, *Um jardim de poemas infantis*, de Robert Louis Stevenson.

No inverno, construíamos fortes de neve e eu liderava nossa campanha, servindo como general, fazendo mapas e traçando nossas estratégias conforme atacávamos e batíamos em retirada. Travávamos as guerras de nossos avós irlandeses, do laranja e do verde. Vestíamos laranja, embora não soubéssemos nada de seu significado. Eram simplesmente as nossas cores. Quando a atenção esmorecia, eu declarava trégua e ia visitar minha amiga Stephanie. Ela vinha convalescendo de uma doença que eu não entendia o que era, uma espécie de leucemia. Era mais velha do que eu, talvez tivesse doze anos quando eu tinha oito. Eu não tinha muito o que dizer e talvez representasse pouco consolo para ela, no entanto ela parecia adorar a minha presença. Acho que o que realmente me atraía nela não era meu bom coração, mas um fascínio por seus pertences. Sua irmã mais velha pendurava minhas roupas molhadas e nos trazia chocolate quente e bolachas em uma bandeja. Stephanie ficava recostada em uma pilha de travesseiros, e eu contava histórias ou lia quadrinhos para ela.

Eu era fascinada por sua coleção de histórias em quadrinhos, pilhas de revistinhas recebidas ao longo de toda uma infância de cama, todos os números

do *Superman*, da *Luluzinha*, dos *Classic Comics* e de *House of Mystery*. Em sua velha caixa de charutos havia todas as miniaturas da sorte de 1953: uma roleta, uma máquina de escrever, um patim de gelo e talismãs no formato de todos os quarenta e oito estados americanos. Eu era capaz de brincar infinitamente com elas e às vezes, se ela tinha alguma repetida, me dava uma.

Eu tinha um compartimento secreto perto da minha cama, embaixo das tábuas do assoalho. Ali guardava meu estoque — bolinhas de gude conquistadas, figurinhas trocadas, artefatos religiosos que eu salvara de lixeiras católicas: velhos santinhos, escapulários esmaecidos, santos de gesso com mãos ou pés lascados. Ali eu guardava meu espólio vindo de Stephanie. Algo me dizia que eu não devia aceitar presentes de uma menina doente, mas eu aceitava e os escondia, um tanto envergonhada.

Eu havia prometido que a visitaria no Dia dos Namorados, mas não fui. Meus deveres de general para com minha tropa de irmãos e meninos vizinhos eram muitos e havia uma neve pesada a ser transposta. Na tarde seguinte, abandonei meu posto para sentar com ela e tomar chocolate quente. Ela estava muito calada e me implorou que ficasse até pegar no sono.

Bisbilhotei sua caixa de joias. Era cor-de-rosa e, quando você abria, saía uma bailarina que parecia uma fada açucarada. Fiquei tão impressionada com um broche de patins de gelo que o escondi na minha luva. Sentei-me imóvel ao lado dela por um longo tempo, e saí em silêncio quando adormeceu. Escondi o broche em meu esconderijo. Dormi um sono entrecortado a noite inteira, sentindo um grande remorso pelo que havia feito. De manhã eu estava passando muito mal para ir à escola e fiquei na cama, afugentando minha culpa. Jurei devolver o broche e pedir que ela me perdoasse.

No dia seguinte era aniversário da minha irmã Linda, mas não haveria festa nenhuma para ela. Stephanie havia piorado, e meu pai e minha mãe foram ao hospital doar sangue. Quando voltaram, meu pai chorava e minha mãe se ajoelhou do meu lado e me disse que Stephanie havia morrido. A tristeza dela logo deu lugar à preocupação quando pôs a mão na minha testa. Eu estava ardendo em febre.

Nosso apartamento entrou em quarentena. Eu estava com escarlatina. Nos anos 50, era um grande perigo porque geralmente virava uma espécie de febre reumática fatal. A porta do nosso apartamento foi pintada de amarelo. Confinada na cama, não pude ir ao enterro da Stephanie. A mãe dela me trouxe suas

pilhas de histórias em quadrinhos e sua caixa de charutos cheia de amuletos. Agora eu tinha tudo, todos os tesouros dela, mas estava mal demais até mesmo para olhar para eles. Foi então que senti o peso do pecado, mesmo de um pecado tão pequeno quanto um broche de patins roubado. Refleti sobre o fato de que não importava quão boa eu aspirava a ser, jamais atingiria a perfeição. Nem jamais receberia o perdão de Stephanie. Mas enquanto fiquei ali, noite após noite deitada, ocorreu-me que seria possível falar com ela rezando por ela ou pelo menos pedindo a Deus que intercedesse por mim.

Robert era muito sensível a essa história, e às vezes em um domingo frio e lânguido ele implorava para eu contá-la outra vez. “Conte a história da Stephanie”, dizia. E eu não poupava nenhum detalhe em nossas longas manhãs debaixo das cobertas, recitando histórias da minha infância, sua tristeza, sua magia, enquanto tentávamos fingir que não estávamos famintos. E sempre, quando eu chegava à parte em que abria a caixinha de joias, ele chorava, “Patty, não...”.

Costumávamos rir de nós mesmos quando crianças, dizendo que eu era uma menina má tentando ser boa e que ele era um bom menino tentando ser mau. Com o passar dos anos esses papéis se reverteriam, depois reverteriam de novo, até que acabamos aceitando nossa natureza dual. Contínhamos princípios opostos, luz e trevas.

Eu era uma criança sonâmbula sonhadora. Irritava meus professores com minha facilidade precoce para a leitura e ao mesmo tempo com uma incapacidade de aplicá-la a qualquer outra coisa que eles considerassem prática. Todos acabavam dizendo em seus relatórios que eu sonhava acordada além da conta, que eu estava sempre em algum outro lugar. Onde ficava esse lugar, não sei dizer, mas muitas vezes me levava para um canto, sentada em um banco alto, onde todos podiam me ver usando um chapéu cônico de papel.

Mais tarde eu faria para Robert grandes desenhos detalhados desses momentos comicamente humilhantes e bem-humorados. Ele adorava, parecia gostar de todas as qualidades que me afastavam ou me isolavam dos outros. Com esse diálogo visual, minhas memórias de juventude se tornaram dele também.

Fiquei triste quando fomos despejados do Canteiro e tive que arrumar minhas coisas para começar uma vida nova no sul de Nova Jersey. Minha mãe deu à luz uma quarta criança que todos ajudamos a criar, uma garotinha doente

mas radiante chamada Kimberly. Senti-me isolada e desconectada naquela vizinhança de pântanos, pomares de pessegueiros e fazendas de porcos. Mergulhei nos livros e no projeto de uma enciclopédia que só chegou até o verbete de Simón Bolívar. Meu pai me apresentou à ficção científica e por algum tempo juntei-me a ele investigando atividades de ÓVNIS nos céus acima do salão de quadrilha da cidade, enquanto ele questionava sem parar a origem de nossa existência.

Quando eu mal completara onze anos, nada me agradava mais do que fazer longas caminhadas pelos bosques dos arredores com meu cachorro. Tudo em volta eram nabos-selvagens, árvores de chá, repolhos do pântano, brotando da argila vermelha. Eu acabava encontrando um bom lugar solitário, parava e descansava a cabeça em um tronco caído junto ao córrego repleto de girinos.

Com meu irmão, Todd, servindo como meu leal tenente, rastejávamos de bruços sobre os campos empoeirados do verão perto das pedreiras. Minha dedicada irmã ficava a postos para fazer curativos em nossas feridas e fornecer a tão desejada água do cantil de Exército do meu pai.

Um belo dia, cambaleando de volta para casa sob a bigorna do sol, minha mãe me interpelou.

“Patricia”, ralhou minha mãe, “veste uma camisa!”

“Está muito quente”, reclamei. “Ninguém está de camisa.”

“Quente ou não, já está na hora de você começar a se cobrir. Você está virando uma mocinha.” Protestei com veemência e anunciei que eu nunca viraria outra pessoa senão eu mesma, que eu era do clã de Peter Pan e a gente não crescia.

Minha mãe venceu a discussão e vesti uma camisa, mas não consegui disfarçar a traição que senti cometer naquele momento. Eu via com pesar minha mãe desempenhando suas tarefas femininas, reparando em seu corpo bem-dotado de mulher. Parecia tudo contrário à minha natureza. O perfume intenso e o batom vermelho, tão fortes nos anos 50, me revoltavam. Por algum tempo me senti mal por ela. Ela era a mensageira e também a mensagem. Deslumbrada e rebelde, com meu cachorro aos meus pés, eu sonhava em viajar. Em fugir e me alistar na Legião Estrangeira, mudar de patente e percorrer o deserto com meus homens.

Eu encontrava consolo nos meus livros. Por estranho que pareça, foi Louisa

May Alcott quem me ofereceu uma visão positiva do meu destino feminino. Jo, a moleca das quatro irmãs March em *Mulherzinhas*, escrevia para ajudar a sustentar a família, lutando para pagar as contas todo mês durante a Guerra Civil. Com seus garranchos, enchia folhas e mais folhas, mais tarde publicadas nas páginas literárias do jornal local. Ela me deu a coragem de uma nova meta, e logo eu também estava criando pequenos contos e contando longas histórias para meu irmão e minha irmã. Desde então, passei a cultivar a ideia de que um dia escreveria um livro.

No ano seguinte, meu pai nos levou para uma rara excursão ao Museu de Arte de Filadélfia. Meus pais trabalhavam duro, e levar quatro crianças de ônibus até Filadélfia era algo exaustivo e caro. Foi o único passeio que fizemos com a família toda, marcando a primeira vez em que fiquei cara a cara com a arte. Senti uma espécie de identificação física com os esguios e lânguidos Modigliani; fiquei comovida com os temas elegantes e tranquilos de Sargent e Thomas Eakins; ofuscada com a luz que emanava dos impressionistas. Mas foram as obras de uma sala dedicada a Picasso, dos arlequins ao cubismo, que me penetraram mais fundo. Sua confiança brutal me deixou sem fôlego.

Meu pai admirou o virtuosismo do desenho e o simbolismo das obras de Salvador Dalí, mas não viu nenhum mérito em Picasso, o que levou à nossa primeira desavença séria. Minha mãe ficou ocupada cercando meus irmãos, que deslizavam pelo piso liso de mármore. Tenho certeza de que, enquanto descíamos a grande escadaria, eu parecia ser a mesma de sempre, uma menina embasbacada de doze anos, toda braços e pernas. Mas secretamente eu sabia que havia sido transformada, comovida pela revelação de que os seres humanos criavam arte, de que ser artista era ver o que os outros não conseguiam ver.

Eu não tinha nenhuma prova de que possuía o estofo necessário para ser uma artista, embora ansiasse por me tornar uma. Imaginei ter sentido o chamado e rezei para que assim fosse. Mas uma noite, enquanto assistia à *Canção de Bernadette*, com Jennifer Jones, fiquei pasma ao ver que a jovem santa não pedira para ser escolhida. Era a madre superiora quem desejava a santidade, apesar de Bernadette, uma menina camponesa humilde, ter sido a escolhida. Isso me deixou preocupada. Perguntei-me se eu realmente tinha vocação de artista. Não me importava a miséria de uma vocação, mas eu temia não receber o chamado.

Espichei vários centímetros. Eu tinha quase 1,63 metro e pesava menos de

45 quilos. Aos catorze anos, eu não era mais a comandante de um exército pequeno embora leal, mas uma magricela fracassada, ridicularizada, no degrau mais baixo da escala social da minha escola. Mergulhei nos livros e no rock and roll, a salvação adolescente de 1961. Meus pais trabalhavam à noite. Depois de terminar nossas tarefas e a lição de casa, Toddy, Linda e eu dançávamos ao som de James Brown, das Shirelles e Hank Ballard e os Midnighters. Modéstia à parte, posso dizer que éramos tão bons na pista de dança quanto no campo de batalha.

Eu desenhava, dançava e escrevia poemas. Não era talentosa mas imaginativa, e meus professores me encorajavam. Quando venci um concurso patrocinado pela loja de tintas Sherwin-Williams da cidade, meu trabalho ficou exposto na vitrine e ganhei dinheiro o bastante para comprar um estojo de pintura de madeira e um jogo de tintas a óleo. Eu vasculhava livrarias e bazares de igreja atrás de livros de arte. Na época era possível encontrar belos volumes por uma ninharia e passei a habitar feliz o mundo de Modigliani, Dubuffet, Picasso, Fra Angelico e Albert Ryder.

Minha mãe me deu *The fabulous life of Diego Rivera* no meu aniversário de dezesseis anos. Transporte-me para o universo de seus murais, suas descrições de viagens e atribulações, seus amores e seu trabalho. Naquele verão arranjei um emprego sem carteira em uma fábrica, conferindo guidons de triciclos. Era um lugar horrível para trabalhar. Eu escapava em meus devaneios enquanto trabalhava. Ansiava por entrar na fraternidade dos artistas: a fome, o modo de vestir, o processo e as orações. Eu me gabava de que um dia seria amante de um artista. Nada parecia mais romântico para minha cabeça de jovem. Eu me imaginava como Frida para Diego, musa e criadora. Sonhava em conhecer um artista para amar e apoiar e trabalhar lado a lado.



Robert Michael Mapplethorpe nasceu numa segunda-feira, 4 de novembro de 1946. Criado em Floral Park, Long Island, o terceiro de seis filhos, ele era um garotinho travesso cuja juventude despreocupada foi delicadamente tingida de um fascínio pela beleza. Seus olhos jovens armazenavam cada jogo de luz, a cintilação de uma joia, a rica ornamentação de um altar, o revestimento dourado de um saxofone ou um campo de estrelas azuis. Ele era charmoso e